



## **Porto Alegre Imaginada. Cidade, Cartas de Amor e Poesia**

Maristela Bleggi Tomasini\*

**Resumo:** Pode-se estudar uma cidade a partir de seus dados oficiais, especialmente econômicos, de suas estatísticas, produzindo com isso uma seriação infundável de relações de inquestionável exatidão. Tais dados, certamente, muito informam; todavia, eles pouco ensinam, ao menos do ponto de vista das sensibilidades e das sociabilidades que afetam o nosso ethos urbano, essa identidade a partir da qual concebemos o espaço onde nos inserimos, vivemos, trabalhamos, amamos. A relação entre a cidade e os homens que a habitam, ou que apenas habitualmente a frequentam, vem sendo objeto de estudos, avaliações e perquirições acerca de sua natureza, inclusive do ponto de vista da História Cultural. Por outro lado, há lugar, não apenas para uma concepção dessa cidade como espaço real, mas ainda como plena de imaginários, de lugares onde a ficção acontece na interioridade dos sujeitos, exteriorizando-se depois mediante suas práticas. O artigo apresenta visões do espaço urbano de Porto Alegre, a partir de fontes epistolares. Tratam-se de três poemas e de duas cartas de amor escritas na década de 1920. Os documentos foram extraídos de um conjunto maior, fonte da dissertação de mestrado da autora intitulada Memória Social em Cartas de Amor: Sensibilidades e Sociabilidades na Porto Alegre de 1920, sob orientação da Dra. Nádia Maria Weber Santos. Escolheram-se, para elaboração deste artigo, trechos destes documentos, onde foram destacados relatos pessoais do remetente da correspondência, para colocar-se em relevo sua relação com o espaço urbano metaforizado pelas sensibilidades de um apaixonado.

**Palavras-chave:** Arquivos pessoais; Cartas de amor; Imaginário urbano.

**Abstract:** We can study a city from its official data, especially economic, its statistics, and produce from it an immense series of relationships very clear and accurate. These data certainly are very correct, but teach very little, at least from the point of view of sensitivities and sociability that affect our urban ethos, this identity from which we conceive the space where we operate, where we live, where we work, where we love. The relationship between the city and the men who inhabit it, or just habitually attend, has been the object of studies, reviews, and questions regarding its nature, including from the point of view of cultural

---

\* Doutoranda em História Social pela Universidade de São Paulo (USP). Mestre em Memória Social e Bens Culturais pelo Centro Universitário La Salle (Unilasalle). Contato: [maristela.bleggi.tomasini@usp.br](mailto:maristela.bleggi.tomasini@usp.br).



history. On the other hand, there is a place, not just for a conception of this city as real space, but still as full of imaginary places where fiction takes place in the interiority of the subject, externalizing up after by their practices. The article presents visions of urban space in Porto Alegre, from epistolary sources. These are three poems and two love letters written in the 1920s. The documents are taken from a larger group, the source of the author's dissertation entitled *Social Memory in Love Letters: Sensitivities and Sociability in Porto Alegre, 1920*, under the guidance of Dr. Nadia Maria Weber Santos. Were chosen for the preparation of this article excerpts of these documents, which were posted personal accounts of the sender of the correspondence, to put into relief its relationship with urban space metaphorized the sensibilities of a lover.

**Keywords:** Personal archives; Love Letters; Urban imaginary.

Como pensar a cidade? A partir de quais impressões ela se dá a conhecer, tornando-se o objeto sobre o qual recai nossa sensibilidade, “esse núcleo primário de percepção e tradução da experiência humana que se encontra no âmago da construção de um imaginário social” (PESAVENTO, 2005, p. 1). Existe cognição possível de uma Porto Alegre referida em cartas de amor, cidade poetizada por Francisco, que se correspondeu com Maria durante as décadas de 1920 e 30? O que se poderia reconstituir desta cidade epistolar?

A dar-se razão a Lacombe (1894) apud Prost (1996, p. 178), a “experiência imaginária é a única possível em história.” Partindo-se assim desses referenciais teóricos, instigantes a seu modo, porque nos abrem as portas do imaginário, “*museu* mental no qual estão todas as imagens passadas, presentes e as que ainda serão produzidas por uma dada sociedade” (SILVA; SILVA, 2013, p. 214), é preciso ocupar-se das fontes deste trabalho, correspondência amorosa, bem como de sua origem, um arquivo pessoal.

As fontes consistem em três poemas e duas cartas de amor. Os poemas intitulam-se “Footing”, “As Praças Velhas” e “Canção dos Arrabaldes”. Todos foram manuscritos a lápis de cor azul. Os dois primeiros possuem referência a mês e ano: agosto de 1923; o que não possui data, todavia, foi escrito no mesmo tipo de papel, com o mesmo lápis de cor azul. As cartas datam, uma de agosto de 1924 e outra de 15 de outubro de 1925. Tais documentos não serão aqui reproduzidos integralmente, mas as partes deles transcritas serão destacadas em quadros numerados e indexados ao final, conservando-se sua grafia original. A identidade das pessoas envolvidas será preservada. Em comum, estes escritos têm entre si o fato de



pertencerem a um mesmo arquivo privado e de se referirem a fatos que tiveram lugar na cidade de Porto Alegre.

“Arquivos pessoais contêm a visão pessoal de experiências de vida; eles representam o ponto de partida de uma organização coletiva, formal e sistêmica encontrada em outros tipos de registro” (HOBBS, 2001, p. 127). Eles integram os mais variados elementos acumulados por alguém, muitas vezes durante anos, em especial documentos dos mais diversos tipos, entendendo-se por tipo “a configuração que assume a espécie documental de acordo com a atividade que ela representa (CAMARGO & BELLOTTO, 1996)” (BELLOTTO, 2008, p. 72).

Não raro, arquivos pessoais se perdem, seja pela morte da pessoa que os acumulou, seja mesmo por uma escolha desta, quando não encontra mais sentido conservar objetos ligados a memórias vividas. Tais conjuntos documentais, todavia, se forem preservados, escapando ao descarte, podem tornar-se interessantes, seja como fonte, seja como objeto de pesquisa, cada um de seus elementos, ou mesmo a totalidade deles, podendo ter assinado um sentido pelo pesquisador, que ali procura respostas a questões ligadas à historicidade, à pesquisa social, à exploração dos dados ali contidos, fórmulas de linguagem, modos de sentir, agir, enfim, de viver. Tal sentido, contudo, difere muito daquele que lhe emprestou a pessoa que presidiu a sua acumulação.

Por esta razão, sempre que a fonte utilizada em uma pesquisa fizer parte de um arquivo, importa referir tal circunstância, pois é dela que provém o grau de certeza maior ou menor quanto à autenticidade desta fonte, seja no que se refere à sua forma, seja no que respeita ao seu conteúdo. No caso das cartas e poemas de Francisco, importa registrar sua pertinência a um conjunto documental maior, cuja autenticidade é altamente verossímil, dado o contexto de origem desta documentação, à qual usuários vão assinar sentidos.

A primazia do contexto sobre o conteúdo é, pois, crucial para compreender o caráter probatório dos documentos de arquivo, do ponto de vista de um dos atributos que melhor o definem: a autenticidade. Um documento é autêntico quando dispõe dos requisitos necessários para que se estabeleça sua proveniência, independentemente da veracidade do respectivo conteúdo. Além dos sinais manifestos de validação, como já vimos, o contexto de origem deve ser procurado num patamar em que predominam informações não verbais, conforme propôs Angelika Menne-Haritz (1992): nos demais documentos da série, na disposição dos documentos no âmbito de um processo, na relação entre os documentos do arquivo como um todo. (CAMARGO, 2009, p. 432)



Neste trabalho, a preocupação diz com a busca de dados a partir dos quais se pode investigar o espaço público da cidade, buscando reconstruir visões do imaginário de Francisco. Para tanto, vamos nos servir de sua memória, uma vez que dela existe o registro escrito, com autenticidade atestada a partir do fato de se tratarem de cartas pertencentes a uma coleção privada, cuja trajetória histórica já foi traçada na introdução da dissertação de mestrado da autora, intitulada “Memória Social em Cartas de Amor: Sensibilidades e Sociabilidades na Porto Alegre de 1920”, sob orientação da Dra. Nádia Maria Weber Santos, trabalho onde foi explorado este mesmo tema, no capítulo quarto, voltado a Porto Alegre como a cidade onde o amor acontece, uma vez que cartas e poemas se referem a um romance real que teve lugar nesta cidade.

Embora não se trate da Porto Alegre nossa contemporânea, a morfologia poética que Francisco empresta à cidade nos dá a conhecer aspectos de sua dimensão social, cultural e simbólica, contextualizada, em especial, nos seus poemas, dos quais exploraremos algumas referências textuais. “A cidade é sempre um lugar no tempo, na medida em que é um espaço com reconhecimento e significação estabelecidos na temporalidade; ela é também um momento no espaço, pois expõe um tempo materializado em uma superfície dada” (PESAVENTO, 2007, p.15) Inapreensível como a areia de uma ampulheta, este tempo passado deixa-se prender aos registros dos quais é extraído como memória de fatos passados. E, se forem fatos humanos, sua investigação recomenda especial cuidado:

Os fatos humanos são, por essência, fenômenos muito delicados, dentre os quais muitos escapam à medida matemática. Para bem traduzi-los, portanto para bem penetrá-los (pois será que se compreende alguma vez perfeitamente o que não se sabe dizer?), uma grande  *finesse*  de linguagem, [uma cor correta no tom verbal] são necessárias. Onde calcular é impossível, impõe-se sugerir (BLOCH, 2001, p. 54-55)

Embora redutível àquele espaço real, tangível, geográfico, a cidade é plena de imaginários, porque habitada por homens cujo pensamento concebe lugares onde a ficção acontece, ainda que na interioridade dos sujeitos, exteriorizando-se depois mediante suas práticas até que se chegue à construção de uma mentalidade urbana. Assim, muito embora se possa estudar uma cidade a partir de seus dados oficiais, especialmente econômicos, de suas estatísticas, produzindo com isso uma seriação infindável de relações, de inquestionável exatidão, que tudo informam, mas que pouco ensinam, ao menos do ponto de vista que se propõe aqui abordar, é possível e viável concebê-la através das sensibilidades e das sociabilidades, porque:



[...] a cidade, na sua compreensão, é também *sociabilidade*: ela comporta atores, relações sociais, personagens, grupos, classes, práticas de interação e de oposição, ritos e festas, comportamentos e hábitos.

.....  
Mas a cidade é, ainda, *sensibilidade*, [...]. Cidades são, por excelência, um fenômeno cultural, ou seja, integradas a esse princípio de atribuição de significado ao mundo. Cidades pressupõem a construção de um *ethos*, o que implica na atribuição de valores para aquilo que se convencionou chamar de *urbano*. (PESAVENTO, 2007, p. 14)

Ao examinarmos o poema intitulado “Footing”, encontramos ali descritos valores que sofrem um questionamento por parte de Francisco, em nítido contexto de sociabilidade. A prática do “Footing” — do inglês passeio a pé, caminhada — consistiu em um hábito cidadão que persistiu por décadas não apenas em Porto Alegre, mas também em outras cidades. Tratava-se do costume de, ao cair da tarde, no encerramento dos expedientes de trabalho, as pessoas vestirem o que de melhor tinham e dirigirem-se ao centro urbano. Em Porto Alegre, o *footing* acontecia na Rua da Praia. Os praticantes tinham o objetivo de verem e de serem vistos um pelos outros.

Na tarde radiante, todos vão a passear,  
todos vão a rodar, todos vão a girar.  
Pelas ruas, ascende o perfume da graça,  
incensando, amoroso, a alegria que passa,  
a alegria efêmera e boa dos momentos.

Quadro 01— “Footing”

Francisco abstrai-se do contexto onde os personagens vão a “passeiar”. Ele enfatiza a artificialidade destes “passeiantes”, atores que giram no palco da cidade, que rodam, que se movimentam na efemeridade do instante, quando o perfume apela à sensorialidade e a alegria se propaga como esse incenso, cuja duração é passageira, provisória, faceta da cidade que se traduz por uma multiplicidade de estados onde a individualidade se perde, e da qual o poeta se exclui, para melhor poder pensar sobre o que vê:

Eu fico a ver esta onda humana que, agitada,  
a rodopiar, passa ante os meus olhos cansados.  
(Que philosophia deliciosa,  
aphilosophia das attitudes!)

Quadro 02 — “Footing”



Há um viés crítico indisfarçável onde o poeta questiona os valores que levam os “passeiantes” a executarem seus giros. Ele procede a uma leitura axiológica do comportamento dos que se entregam àquela prática cotidiana. Francisco desenha para si mesmo um local de fala de onde não apenas narra o que se passa à sua volta, como ainda descreve o cenário e disserta sobre os elementos que tematiza poeticamente. Enfim, ele filosofa sobre o que identifica poeticamente nas práticas do dia a dia:

Todos passam... Homens activos, preocupados,  
homens vagarosos, homens sábios,  
mulheres faceiras, a entoar, nos gestos, o hynno  
imprudente e ridículo da sedução,  
mulheresfuteis, mulheres inuteis,  
todos passam pelas ruas,  
todos andam, vertiginosamente,  
pela calçada anonyma das ruas,  
atrás de um fim, atrás de um destino...

Quadro 03 — “Footing”

Francisco descreve uma cidade onde o comportamento dos personagens que nela se movem são referenciados com juízos de valor. A vaidade feminina é francamente hostilizada, ficando claro que ele, poeta, não se deixa seduzir pelo artificial, muito embora não seja indiferente a esse feminino que se expressa por gestos sedutores. Um feminino urbano, citadino, competitivo, performático, ciente da presença de outros femininos dentre os quais pretende destacar-se. Nessa cidade de fragmentos que nos é servida em versos, sobrevive um testemunho quase profético no que respeita a nossa contemporaneidade, que impõem um ritmo ainda mais vertiginoso a esses deslocamentos.

E a multidão toda passa, num torvelinho,  
agitando-se num movimento de vida.  
E é uma vitrina esplendorosa onde rebulha  
a moda, em facetas de luxo e novidade,  
pondo os olhos feminis, em mil curiosidades,  
o grupo delicado das futilidades  
decorativas dessas aves dos salões  
que, ante ella, em bandos garrulos, alegremente,  
conversam e discutem, encantadoramente.

Quadro 04 — “Footing”

Bresciani (1997, p. 16) já acentuava: “Modernidade é o transitório, o rápido, o contingente”. E o homem que se encontra em meio a essa modernidade:



[...] vive o impacto da fragmentação, do efêmero e das mudanças caóticas e forma sua sensibilidade no centro da experiência de tempo, espaço e causalidade, sentidos equacionados como transitórios, fortuitos e arbitrários (Ibid., 1997, p. 15).

Há, porém, os contrastes que esse urbano comporta. Contrastes que também podem ser observados a partir do confronto entre “Footing” e — como agora se verá — “As Praças Velhas”. De um lado, os centros e o torvelinho dos que acorrem ao passeio: uma sociabilidade cheia de códigos aos quais Francisco se propunha a decifrar através de sua filosofia das atitudes; de outro, o espaço urbano que já foi palco de acontecimentos, mas que sofreu depois o abandono. Como as velhas praças, cenário onde se insere a sensação do nostálgico, do anacrônico que só tem de si aquilo que foi. O que não encontra mais pertinência no presente vive do passado que só pode sobreviver através de sua evocação, seguindo a pista dos rastros:

Pobres praças velhas!  
Como me comove a sua melancolia,  
como eu amo, como eu adoro as praças velhas,  
com as suas árvores senis e belas,  
.....  
com seu pobre repuxo,  
antes faiscante de luxo,  
de rica pedraria,  
agora, mudo e repassado de ironia,  
na sua melancholica solidão

Quadro 05 — “Praças Velhas”

A relação é de memória e esquecimento. A emoção do poeta se expressa pela simpatia, pela identidade que alega estabelecer com a melancolia que percebe no lugar. Sua sensibilidade o faz ver —para além da decadência e da mudez do repuxo de “rica pedraria” — o passado da praça, que já fora glorioso. Do mesmo modo, em prosopopéia, atribui senilidade às árvores, às quais não retira beleza. Francisco é anacrônico. Vive em si um tempo diferente do real que acontece à sua volta. Está na praça, mas a partir dos dados presentes, dos elementos materiais concretos que o cercam, ele evoca outro tempo, onde situa a mesma praça em outra dimensão temporal, tecendo como que duas perspectivas que só são interpenetráveis pela poesia, pelo elemento nostálgico: “O nostálgico não será mais reconhecido como aquele que está fora de um lugar físico, mas como a figura de um sujeito que vive fora do seu tempo”, diz Beneduzi (2008, p.19).

Pobres praças velhas,



Onde o tempo poz a irradiação da agonia,  
E a velhice pintou, no gesto do silencio,  
A magestade da melancholia

Quadro 06 — “Praças Velhas”

O paradigma é claro. Francisco vive um tempo impossível, que o faz prisioneiro de um sentimento que ele mesmo aponta como sendo a agonia, que embora atribua à praça, é mesmo dele, algo que projeta no lugar, conferindo-lhe um sentido que, em última análise, é pertinente a ele, poeta. Com isso vive uma angústia que não é apenas sua, que não é particular à própria subjetividade, mas que acomete o homem moderno:

No final do século XVIII, o advento da sociedade moderna traria consigo uma profunda transformação na percepção da nostalgia, porque se experimenta, então, uma nova imagem do tempo. O mundo pré-moderno apresentava uma vinculação recorrente entre temporalidade e espacialidade, uma vez que a recordação de momentos passados e das horas do dia era vinculada a espaços mnemônicos que criavam a completude do entendimento sobre a variação temporal, ainda que de uma maneira imprecisa e variada. (BENEDUZI, 2008, p.23)

Ora, a recordação morre — a decadência do local, no caso, a praça velha — deixa entrever apenas vestígios do passado, o que gera angústia e tensão, pelo componente impreciso provocado pela variação temporal:

Pobres praças velhas!  
que já conheceram a agitação,  
o tumulto, o delírio e a vida de um movimento;  
que já conheceram  
todo o esplendor, todo o deslumbramento  
dos dias de festa, dos dias de alegria,  
quando uma intensa e louca multidão  
porellas rodou, gyrando no turbilhão.  
.....  
Pobres praças velhas!  
Uma recordação que vae morrendo,  
Uma saudade que vai vivendo.

Quadro 07 — “Praças Velhas”

Se a recordação morre, a saudade vive. Fica assente aqui a sensibilidade do poeta que associa memória e emoção; a memória, todavia, requer um espaço, não apenas a individual, mas também a memória coletiva. Chama a atenção que o particular aqui, carregado de subjetividade, possa expressar o coletivo, e justamente pela via da sensibilidade. Quando Francisco se depara com a praça e seu abandono presente, faz a leitura sensível das marcas e



vestígios, assentando-as num registro que chega a até nós, porque se trata de uma memória comum, compartilhável e, por que não, coletiva:

Não há memória coletiva que não se desenvolva em um quadro espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas emoções concorrem entre si, nada permanece em nosso espírito, e não se compreenderia que pudéssemos retomar o passado se, com efeito, não o conservássemos pelo meio material que nos cerca. (HALBWACHS, 2008, p. 146)

O terceiro poema a ser examinado chama-se “Canção dos Arrabaldes”. As notas tristes se repetem, não como na praça, cujo lamento decorria de um tempo passado, de um ontem que já foi glorioso, festivo, marcante. Os arrabaldes são tristes, porque monótonos, porque empobrecidos, acanhados e sem expressão econômica que lhes empreste majestade. São diferentes nichos urbanos da cidade que Francisco nos mostra em sua poesia:

Arrabaldes de muros quebrados,  
Das casas pobres e pequeninas,  
Das ruas desertas e cheias de pó,  
Por onde passeiam, ironicamente,  
Entre a poeira doirada do caminho,  
A ansia e o tédio da vida.

Quadro 08 — “Canção dos Arrabaldes”

Nos arrabaldes não acontece o “footing”. Eles modulam um viver tedioso, e isso é ironizado pelo poeta, porque a poeira do caminho, sendo dourada, não deveria produzir os sentimentos que ele constata. A prosopopeia, neste caso, omite o sujeito: o homem que ocupa aquele espaço. O poeta registra a diferença social e mesmo o caráter excludente desta paisagem, onde não brilha o luxo citadino, onde não desfila a vaidade, onde os comportamentos se moldam a um ambiente no qual tempo é percebido de modo diverso. Na poesia, o espaço determina o homem, confere-lhe um destino. Os arrabaldes de Francisco persistem hoje na periferia das grandes cidades, cujo caráter determinante da exclusão social não parece duvidoso.

A cidade sempre se dá a ver, pela materialidade de sua arquitetura ou pelo traçado de suas ruas, mas também se dá a ler, pela possibilidade de enxergar, nela, o passado de outras cidades, contidas na cidade do presente. Assim, o espaço construído se propõe como uma leitura do tempo, em uma ambivalência de dimensões que se cruzam e se entrelaçam. (PESAVENTO, 2007, p. 16)

Francisco, ao descrever os arrabaldes, nos dá pistas de quem são os sujeitos que se encontram inseridos naquele espaço. Lugares e grupos mantêm relações de identidade.



Quando um grupo está inserido em uma parte do espaço, ele o transforma à sua imagem, mas, ao mesmo tempo, ele se dobra e se adapta às coisas materiais que lhe resistem. Ele se encerra no quadro que construiu. A imagem do meio exterior e as relações estáveis que mantêm com esse meio transmitem, em primeiro plano, a ideia que ele faz de si mesmo. (HALBWACHS, 2008, p. 132)

Até aqui ocupamo-nos de poemas que tinham por tema a cidade a partir de três diferentes perspectivas. Agora examinaremos parte do conteúdo de duas cartas que Francisco remeteu à Maria. Na primeira delas, Francisco conta que andou pela cidade buscando encontrar a amada, ainda que a soubesse distante. Ou seja: ele volta a percorrer o espaço físico da cidade, provocando a memória, para assim sentir-se mais próximo da mulher amada:

Maria — Longos dias a te procurar em vão, andei pelas ruas da cidade. Meu vulto doloroso, meio esbatido entre a nevoa destes últimos dias, era todo o anseio de uma busca e o desanimo de uma desillusão. Tu não me aparecias...

Quadro 09 — Carta de agosto de 1924

É tentador comparar a poesia de Francisco à de Baudelaire (1857 apud BRESCIANI, 1997, p. 14), quando ambos falam de sua vivência do urbano:

Dans les plis sinueux des vieilles capitales,  
Où tout même l'horreur, tourne aux enchantements,  
Je guette [...]

.....

La forme d'une ville  
Change plus vite, hélas,  
que le coeur d'un mortel [...]

Le cygnet <sup>1</sup> (BAUDELAIRE, 1857 apud BRESCIANI, 1997, p. 14).

Nesses dois relatos sobre as sinuosidades das capitais encontram-se observações a propósito das mudanças. Todavia, o coração é estável. O de Francisco não se deixa demover nem pela névoa, nem pelo tempo decorrido. Ele procura Maria, mesmo em vão. Procura-a ainda que saiba que não a encontrará, porque nesta busca evoca sua memória, presentifica-a nele mesmo. O coração de Baudelaire, por sua vez, muda menos rapidamente que essa cidade, a velha capital da qual fala, sinuosa, ora encantadora, ora terrível. Com alguma atenção, pode-se perceber uma quebra de identidade, um estranhamento: o tempo do coração em ritmo diverso do tempo da cidade. Francisco prossegue, descrevendo as voltas que dá pelos caminhos da cidade onde não encontra Maria:

<sup>1</sup>Em dobras sinuosas das antigas capitais,/ Onde mesmo o horror se transforma em encantamentos,/ Eu observo [...] ..... A forma de uma cidade/ Infelizmente, muda mais depressa/ que o coração de um mortal [...].



Da primeira claridade do dia, no meio do bulício, entre o torvelinho humano, à meia tinta do crepúsculo, sempre em vão, rodei pelos caminhos, em procura da minha vida, em procura de mim mesmo...

Quadro 10 — Carta de agosto de 1924

Marcas de sensibilidades: o homem que não mora em si mesmo, que busca a si próprio na amada, cujo vulto se perde entre o torvelinho humano e as meias-tintas do entardecer, ocasionando-lhe o engano, a ilusão que ele reconhece como tal, na efemeridade do imaterial:

E tua figura, vezes e vezes, ephemeramente, aos olhos da minha illusão, na figura das outras mulheres que passavam, vagas, indistintas, tecendo o meu engano. Rodavam comigo a Saudade, a soluçar a canção das lagrimas, e o meu cigarro.

Quadro 11 — Carta de agosto de 1924

Cumpra agora examinar a última das cartas escolhidas para esta pesquisa. Ela foi deixada para o final, porque sua interpretação vai nos remeter à própria cidade imaginária, a Porto Alegre situada no espaço-tempo da sensibilidade: a Porto Alegre mulher, a Porto Alegre guardiã que protege e esconde Maria:

Como vae essa mulher? “Que mulher?”... Essa que vive eternamente deitada, numa indolência de princesa oriental, ao longo do Guahyba, a espelhar no Crystal móvel das suas aguas? Essa, em quem Deus, no logar da boca, em vez de boca, poz um coração a sangrar de amor? Essa, em louvor da qual o sol acende lampadas de ouro? Essa, que esconde, num dos seus palácios encantados, a menina linda, a menina feliz, que é, afinal, a menina destes olhos tristes e exilados? Do teu Francisco.

Quadro 12 — Carta de outubro de 1925

Essa passagem é mais enigmática do que se pode supor numa primeira leitura. Francisco fala de Porto Alegre, refletida pelo Guaíba, pelo cristal movediço de suas águas, em sua indolência de princesa das mil e uma noites, e por isso adjetivada de oriental. É uma cidade que não fala, pois no lugar da boca lhe foi posto um coração. É uma cidade muda, que guarda um segredo, o segredo de um amor que causa sofrimento, daí o coração que sangra. É uma cidade que o próprio sol louva, quando acende lâmpadas de ouro, ou seja, sempre que acontece, em Porto Alegre, seu famoso pôr do sol. E é uma cidade que esconde, em um de seus palácios encantados, a menina feliz, Maria, que habita uma das casas desta cidade



especular, cidade que, como a Valdrada de Calvino (1985, p.53), nasceu à beira de um lago, formando assim outra cidade, idêntica, que repete coisas e pessoas, pois: “Nada existe e nada acontece na primeira Valdrada sem que se repita na segunda”. Extraída de seu próprio espaço, ela se concretiza na intimidade do leitor.

Francisco faz como Calvino ao apresentar as suas cidades invisíveis, propondo ao leitor que se identifique com múltiplos fragmentos que quase sempre encontra em si, conduzido por alguma memória que lhe ficou de lugares que já percorreu. Ele também fala de cidades que não podem ser localizadas nem no espaço nem no tempo, mas que se concretizam na imaginação, como as que Marco Polo descreveu, ou mesmo criou, com a performance de seu discurso.

Há coisas não sabidas dos homens, e para as quais só os deuses têm respostas. Isso ocorre quando se está diante de um “processo imaginário de construção de espaço-tempo, na invenção de um passado e de um futuro, a cidade está sempre a explicar o seu presente”, diz Pesavento (2007, p. 17), ao referir-se à obra de Calvino:

É preciso, diz ele, buscar os elementos comuns que distinguem uma cidade da outra. Tal como os antigos, que buscavam o espírito da cidade invocando os nomes dos deuses que presidiram a sua fundação, os homens modernos precisam exercer uma espécie de despojamento do olhar, identificando, simplificando e reduzindo a multiplicidade de traços que uma cidade oferece para dizer quem é.

Difícilmente se pode classificar como menos do que evidente esse conteúdo universal que se depreende dos escritos de Francisco, não obstante o caráter tanto particular e privado da correspondência, quanto a subjetividade do escritor. Se compararmos entre si todas essas diferentes propostas do ambiente urbano, encontraremos nelas as mais diversas intensidades da ligação do homem ao meio, ou, ao dizer de Bresciani (1997, p. 20), diferentes “fragmentos do imaginário social”.

Estes restos arcaicos, traços, resíduos, fragmentos de várias camadas de imagens que ligam o homem-livre à cidade compõe representações globais da sociedade, ideias-imagens por meio das quais as sociedades, vale dizer, nós, os habitantes das cidades e os urbanistas que pensam e projetam as cidades elaboramos uma auto-identidade individual e coletiva.

Ora, quem é Porto Alegre senão que a cidade onde o amor acontece? A cidade onde mora Maria. Esta Porto Alegre é composta de fragmentos da escrita de Francisco, particulares onde se escondem universais, células do sensível — poemas e cartas de amor — que se abrigam no social — o ato de cartear-se, a comunicação que se estabelece entre um eu que



fala e outro que escuta. Interceptar essa conversa, depois de passadas décadas, não é obra de imaginação nem delírio de um pesquisador que, supostamente, pode pensar-se como mais próximo aos domínios da arte que aqueles da academia. Pensamento e linguagem não se limitam à lógica formal, antes a lógica se torna formal por determinação que ambos lhe assinam.

“A compreensão concede à imaginação um lugar essencial na construção da história. Transferir para uma situação histórica esquemas explicativos, experimentados no presente, colocar-se no lugar daqueles que se estuda, é imaginar situações e homens” (PROST, 1996, p. 168).

Cada vez mais se buscam novos referenciais que nos permitam compreender a relação entre homem e cidade; novas fontes e novos objetos se oferecem ao pesquisador. “Compreender, no entanto, nada tem de uma atitude passiva. Para fazer uma ciência, será sempre preciso duas coisas: uma realidade, mas também um homem” (BLOCH, 2001, p. 128) Por isso, o pesquisador não precisa limitar-se no que tange à extensão dos sentidos que assina a sua pesquisa, às questões que se coloca, aos problemas que formula, instâncias que podem e devem abranger todas as atividades humanas, sem excepcionar nenhuma delas.

## Referências bibliográficas

- BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Diplomática e tipologia documental em arquivos**. Brasília: Briquet de Lemos, 2008.
- BENEDUZI, Luis Fernando. Nostalgia do Tempo em um Tempo de Nostalgia. In: PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nádia Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza (org.). **Narrativas, Imagens e Práticas Sociais; percursos em História Cultural**. Porto Alegre: Asterisco, 2008.
- BLOCH, Marc. **Apologia da História**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001, p. 54-55.
- BRESCIANI, Maria Stella. Cidade, Cidadania e Imaginário. In: SOUZA, Célia Ferraz de; PESAVENTO, Sandra Jatahy (Org). **Imagens Urbanas: os diversos olhares na formação do imaginário urbano**. Porto Alegre: Editora da Universidade: UFRGS, 1997.
- CALVINO, 1985. **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- CAMARGO, Ana Maria de Almeida. Os arquivos e o acesso à verdade. In: SANTOS, Cecília MacDowell *et al.* (org). **Desarquivando a ditadura: memória e justiça do Brasil**. São Paulo: Hucitec, 2009, v.2, p.424-443.
- HALBWACHS, Maurice. **La mémoire collective**. Paris: Presses Universitaires de France, 1968.
- HOBBS, Catherine. The character of personal archives: reflections on the value of records of individuals. **Archivaria** 52, p. 126-135, Fall 2001.



PESAVENTO, Sandra Jatahy (org). **Imagens Urbanas**: os diversos olhares na formação do imaginário urbano. Porto Alegre: Editora da Universidade: UFRGS, 1997

\_\_\_\_\_. Sensibilidades no Tempo, Tempo das Sensibilidades. Nuevo Mundo Mundos Nuevos. **Coloquios**, Puesto en línea el 4 febrero 2005. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/229>>. Acesso em: 7 nov. 2012.

\_\_\_\_\_. Cidades Visíveis, Cidades Sensíveis, Cidades Imaginárias. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v.27, n.53, p. 11-23, jan.-jun., 2007.

PESAVENTO, Sandra Jatahy; SANTOS, Nádia Maria Weber; ROSSINI, Miriam de Souza (Org.). **Narrativas, Imagens e Práticas Sociais; percursos em História Cultural**. Porto Alegre: Asterisco, 2008.

\_\_\_\_\_. Sensibilidades no Tempo, Tempo das Sensibilidades. Nuevo Mundo Mundos Nuevos. **Coloquios**, Puesto en línea el 4 febrero 2005. Disponível em: <<http://nuevomundo.revues.org/229>>. Acesso em: 7 nov. 2012.

PROST, Antoine. Imagination et imputation causale. In: **Douze leçons sur l'histoire**. Paris: Éditionsduseuil, 1996, p. 169-187.

SILVA, Kalina Vanderlei, SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. São Paulo: Contexto, 2013.

## Quadros

Quadro 01 — “Footing”.

Quadro 02 — “Footing”.

Quadro 03 — “Footing”.

Quadro 04 — “Footing”.

Quadro 05 — “Praças Velhas”.

Quadro 06 — “Praças Velhas”.

Quadro 07 — “Praças Velhas”.

Quadro 08 — “Canção dos Arrabaldes”.

Quadro 09 — “Canção dos Arrabaldes”.

Quadro 10 — Carta de Agosto de 1924.

Quadro 11 — Carta de Agosto de 1924.

Quadro 12 — Carta de Outubro de 1925.

*Recebido em Julho de 2013.*  
*Aprovado em Agosto de 2013.*